



Lição 01

Carta aos Filipenses: um chamado à alegria

**04 de Outubro de 2026
4º TRIMESTRE 2026
JOVENS**

Murilo Alencar



FERRAMENTA EBD

Esboço Da Lição 01

Do 4º Trimestre

De 2026

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

REGOZIJAI-VOS NO SENHOR
Vivendo com propósito à luz da Carta aos Filipenses

Domingo, 04 de outubro de 2026

CARTA AOS FILIPENSES: UM CHAMADO À ALEGRIA

Murilo Alencar¹

INTRODUÇÃO

Neste novo trimestre, voltaremos nossa atenção para a Carta aos Filipenses, uma das cartas mais conhecidas do apóstolo Paulo. Ele a escreveu da prisão a uma igreja que havia fundado mais de dez anos antes, em uma cidade onde fora açoitado e lançado no cárcere (At 16.22-24; 1Ts 2.2). Os filipenses tinham enviado Epafrodito com uma oferta para socorrê-lo (Fp 2.25; 4.18). Ao escrever aos irmãos, Paulo agradece pela participação deles na obra do Evangelho, informa sobre sua situação e os exorta a permanecer unidos e firmes na fé.

Nesta primeira lição, estudaremos o contexto histórico de Filipos, a viagem missionária que levou o Evangelho à cidade e a abertura da carta, na qual Paulo saúda a igreja, agradece a Deus pelos irmãos e ora por eles (Fp 1.1-11). Preparados? Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

TEXTO PRINCIPAL – COMPARANDO TRADUÇÕES

Estou convencido de que aquele que começou boa obra em vocês, vai completá-la até o dia de Cristo Jesus. (Fp 1.6, NVI).

Pois eu estou certo de que Deus, que começou esse bom trabalho na vida de vocês, vai continuá-lo até que ele esteja completo no Dia de Cristo Jesus. (Fp 1.6, NTLH).

Na ARC, “**aperfeiçoará**” significa “**levará até o fim**”. No contexto da ação de graças, a “boa obra” está ligada à participação dos filipenses no Evangelho “desde o primeiro dia até agora” (vv. 3-5). Paulo olha para o início da igreja, narrado em Atos 16, e reconhece que a atuação de Deus continuava visível na fidelidade e na cooperação daqueles irmãos. O trabalho iniciado por Deus entre eles não ficaria inacabado, mas prosseguiria até o Dia de Cristo.

Embora a construção grega empregue apenas a expressão “**aquele que começou**”, a ação de graças dirigida a Deus desde o versículo 3 identifica quem iniciou a boa obra. A NTLH torna o sujeito explícito ao acrescentar o nome de Deus. A confiança de Paulo não repousava no desempenho dos filipenses, mas na fidelidade daquele que havia começado a trabalhar entre eles. A expressão “**em vocês**” está no plural e também pode ser compreendida como “**entre vocês**”, pois Paulo contempla a atuação de Deus na igreja como um todo.

Paulo também indica quando essa obra alcançará sua conclusão: “**até ao Dia de Jesus Cristo**”. Seu cumprimento final não ocorreria durante o tempo presente, mas na volta do Senhor. Mesmo escrevendo da prisão e sem conhecer o resultado de seu julgamento, Paulo estava certo de que Deus prosseguiria sua obra entre os filipenses até o Dia de Cristo.

1. ¹Graduado em Teologia pela UniCesumar; tecnólogo em Coaching e Desenvolvimento Humano pela Unopar; pós-graduando em Educação Cristã e graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC); presbítero na Assembleia de Deus em Pernambuco.

RESUMO DA LIÇÃO

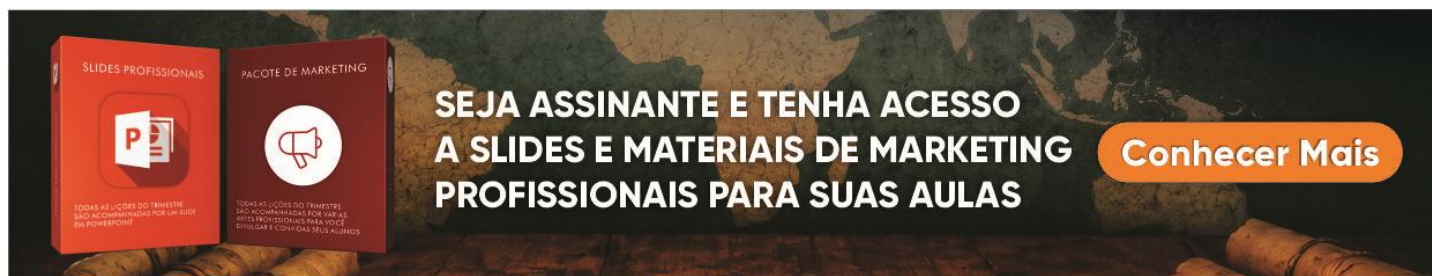
A Epístola aos Filipenses mostra que o cristão pode viver pleno de alegria e paz com Deus em um mundo conturbado.

Chamar Filipenses de “carta da alegria” é adequado, desde que essa alegria não seja confundida com o entusiasmo provocado por circunstâncias favoráveis. Paulo escreve da prisão e sabe que seu julgamento poderia terminar em morte (Fp 1.20-24). Os filipenses também enfrentavam oposição por causa da fé (Fp 1.28-30). Portanto, as exortações à alegria partiram de um homem que sofria e foram dirigidas a uma igreja que também conhecia o sofrimento.

Para Paulo, alegria e tristeza não são incompatíveis. Na mesma carta, ele admite que a morte de Epafrodito lhe acrescentaria “**tristeza sobre tristeza**” (Fp 2.27) e declara, chorando, que muitos viviam como inimigos da cruz de Cristo (Fp 3.18). Suas lágrimas estavam ligadas à enfermidade de um irmão e ao pecado que afastava as pessoas de Cristo; sua alegria, porém, estava no Senhor e naquilo que Deus realizava por meio do Evangelho.

As dezesseis ocorrências dos termos relacionados à alegria ajudam a explicar por que Filipenses ficou conhecida dessa maneira, mas a mensagem da carta não se limita a esse assunto. **O Evangelho ocupa um lugar de destaque nesta epístola:** Paulo fala de seu avanço, de sua defesa, da cooperação dos filipenses e de uma conduta digna dele.

A paz com Deus mencionada pela revista está diretamente relacionada ao Evangelho. Paulo ensina que aqueles que são justificados pela fé em Jesus Cristo passam a ter paz com Deus (Rm 5.1; cf. Fp 3.9). Essa paz descreve uma nova relação com Deus, estabelecida por meio da obra de Cristo. A partir dessa realidade, compreendemos melhor a alegria presente em Filipenses: Paulo podia sofrer, enfrentar a prisão e até considerar a possibilidade da morte, mas continuava firme porque sua esperança estava fundamentada no Evangelho e naquilo que Cristo havia realizado em seu favor.



1. CONHECENDO A HISTÓRIA

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Seja assinante e desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

1.1 Pano de fundo histórico.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Antes de adentrar no estudo de Filipenses, é muito importante compreender o que estava acontecendo no mundo na primeira metade do século I, haja vista que a igreja nasceu naquela cidade por volta do ano 49 d.C. e a epístola foi escrita no fim da prisão de Paulo, possivelmente em Roma, entre os anos 61 e 62*

d.C. Assim, conhecer o pano de fundo histórico lançará luzes, as quais fornecerão elementos interpretativos significativos para entender a profundidade das palavras de Paulo.

A igreja de Filipos foi formada durante a segunda viagem missionária de Paulo, por volta dos anos 49 ou 50 d.C. Antes de chegar à cidade, os missionários passaram por Derbe e Listra. Mais tarde, em Trôade, Paulo recebeu a visão que o direcionou à Macedônia para anunciar o Evangelho (At 16.1-10). Depois da travessia, Lucas registra os acontecimentos que marcaram o início da igreja em Filipos (At 16.11-40).

- Os missionários navegaram de Trôade para Samotrácia, chegaram a Neápolis e, dali, seguiram até Filipos (At 16.11,12).
- À margem de um rio, Paulo falou às mulheres que estavam reunidas para oração. Lídia ouviu a mensagem, o Senhor lhe abriu o coração, e ela foi batizada com os de sua casa. Depois disso, recebeu os missionários em sua residência (At 16.13-15).
- Em outra ocasião, Paulo expulsou um espírito de adivinhação de uma jovem escravizada. Seus senhores, ao perceberem que haviam perdido a fonte de lucro que obtinham por meio dela, prenderam Paulo e Silas (At 16.16-19).
- Os dois missionários foram levados diante dos magistrados, acusados, açoitados e lançados na prisão (At 16.20-24).
- Durante a noite, Paulo e Silas oravam e cantavam louvores a Deus quando um terremoto abriu as portas do cárcere e soltou as correntes dos presos (At 16.25,26).
- O carcereiro ouviu a mensagem do Senhor, creu, recebeu Paulo e Silas em sua casa e foi batizado com os seus (At 16.27-34).
- No dia seguinte, os magistrados souberam que Paulo e Silas eram cidadãos romanos. Depois de deixarem a prisão, os missionários visitaram os irmãos na casa de Lídia e partiram da cidade (At 16.35-40).

A partida dos missionários não encerrou a relação de Paulo com aquela igreja. Enquanto trabalhava em Tessalônica, ele recebeu auxílio dos filipenses mais de uma vez (Fp 4.16). Ao recordar o início da pregação do Evangelho na região, Paulo afirmou que, depois de sua saída da Macedônia, nenhuma outra igreja havia cooperado com ele por meio de ofertas (Fp 4.15). Anos mais tarde, Atos indica que o apóstolo voltou a Filipos, pois Lucas registra sua partida daquela cidade (At 20.6). Por fim, durante a prisão em que escreveu a carta, Paulo recebeu por meio de Epafrodito uma nova oferta enviada pelos irmãos (Fp 2.25; 4.18). A cooperação dos filipenses, portanto, permaneceu durante os anos que separam a primeira visita da redação da epístola.

É necessário distinguir as duas prisões mencionadas nesse contexto. A prisão sofrida por Paulo e Silas em Filipos terminou antes de sua partida da cidade (At 16.35-40). A carta foi escrita muitos anos depois, quando Paulo se encontrava novamente preso (Fp 1.7,13). **Como a epístola não informa diretamente o local dessa prisão, três cidades são consideradas pelos estudiosos: Cesareia, Éfeso e Roma.**

A hipótese de Cesareia encontra apoio no fato de Atos registrar uma prisão de Paulo naquela cidade por cerca de dois anos (At 24.27). O livro também emprega o termo “pretório” para a residência do governador em Cesareia (At 23.35), palavra relacionada à expressão encontrada em Filipenses 1.13. A proposta de Éfeso, por sua vez, considera principalmente a menor distância até Filipos, o que facilitaria as viagens e a circulação das notícias relacionadas a Epafrodito e sua enfermidade (Fp 2.25-30). Atos não registra uma prisão de Paulo em Éfeso, embora o apóstolo mencione ter sofrido outras prisões que Lucas não descreve (2Co 11.23). Nenhuma das duas cidades é identificada pela carta como seu local de redação. Cesareia oferece uma prisão documentada, mas poucos dados da epístola apontam especificamente para ela; Éfeso explica melhor a circulação das notícias, mas depende de uma prisão não registrada em Atos.

A proposta de que a carta foi escrita durante a prisão em Roma reúne um conjunto mais amplo de indícios. Atos registra a chegada de Paulo à cidade como prisioneiro e informa que, mesmo nessa condição, ele recebia pessoas e anunciava o Reino de Deus (At 28.16,30,31). Na carta, o apóstolo declara que sua prisão havia contribuído para o avanço do Evangelho e que sua situação se tornara conhecida entre aqueles que estavam ao seu redor (Fp 1.12-14). A referência ao pretório em Filipenses 1.13 e a saudação enviada pelos “**da casa de César**” em Filipenses 4.22 também se ajustam ao contexto romano. A principal objeção é a longa distância entre Roma e Filipos, pois a carta pressupõe várias viagens e trocas de notícias. Essa dificuldade, contudo, não anula as referências que favorecem Roma. Nenhum desses indícios resolve a questão separadamente, mas sua consideração conjunta, somada à prisão registrada em Atos 28, torna Roma a proposta mais provável. Nesse caso, a carta pode ser situada por volta dos anos 61 ou 62 d.C., cerca de doze anos depois da chegada de Paulo a Filipos.

1.2 O Império Romano.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *A história da Roma Antiga está dividida, em linhas gerais, em três períodos: Monarquia (753 a.C. — 509 a.C.), República (509 a.C. — 27 a.C.) e Império (27 a.C. — 476 d.C.). Interessa-nos, aqui, neste passo, mencionar que Felipe II conquistou, em 360 a.C., a Cidade de Crenides, dando-lhe após, em sua homenagem, o nome Filipos. Todavia, somente em 42 a.C., Filipos ganhou importância política, depois que a cidade foi o cenário da batalha entre as forças republicanas de Brutos e Cássio, que lutavam contra os exércitos imperiais de Otávio e Antônio. A partir desse evento, a cidade se tornou colônia romana (At 16.12), ganhando relevância na região.*

Sem um devido conhecimento da história e geografia de Filipos é impossível extrair de Filipenses um estudo suficientemente proveitoso.²

A divisão da história romana em três períodos facilita a nossa compreensão do contexto histórico e cultural que influenciou a carta aos filipenses. **Durante a Monarquia**, Roma era governada por reis e ainda era uma cidade da península Itálica, sem o vasto domínio que alcançaria mais tarde. **Na República**, o poder era distribuído entre os magistrados, o Senado e as assembleias populares. Foi nesse período que Roma submeteu a Grécia e a Macedônia ao seu domínio. **Com o Império**, a autoridade se concentrou na figura do imperador, que comandava as legiões, exercia a mais alta autoridade judicial e, em muitas cidades, recebia honras religiosas por meio do culto imperial. Para a leitura de Filipenses, interessa saber que a igreja nasceu durante esse terceiro período e que Paulo provavelmente escreveu a carta enquanto estava preso em Roma, à espera de uma decisão das autoridades

² Hendriksen, William. 1992. Efésios e Filipenses. Organizado por Cláudio Antônio Batista Marra. Traduzido por Valter Graciano Martins. 3ª edição. Comentário do Novo Testamento. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã.

imperiais. Esse contexto é importante porque nos ajuda a compreender as referências à guarda pretoriana e aos irmãos da casa de César (Fp 1.13; 4.22).

Antes de Roma exercer domínio sobre a região, Filipos fez parte da história da Macedônia. Filipe II subiu ao trono em 359 a.C. e reorganizou o exército macedônico com lanças mais longas, cavalaria de choque e melhor organização, mas precisava de recursos para sustentar suas campanhas. Essa necessidade o levou até Crenides, povoado fundado por colonos vindos da ilha de Tasos por volta de 360 a.C. Seu nome significa “pequenas fontes”, e o lugar ficava próximo às minas de ouro do monte Pangeu. Filipe tomou o povoado em 356 a.C., ampliou-o e lhe deu o próprio nome. **A data de 360 a.C., que a lição atribui à conquista, corresponde à fundação de Crenides pelos tasanos. Filipe II tomou o povoado em 356 a.C., data que a própria revista registra em seu segundo subsídio.** O ouro extraído daquela região financiou a expansão macedônica, continuada em escala muito maior por Alexandre, o Grande, filho de Filipe.

Convém perguntar o que essa história antiga tem a ver com uma carta escrita cerca de quatrocentos anos depois. A resposta está na língua grega. As conquistas iniciadas por Filipe e levadas adiante por Alexandre difundiram o grego pelo Oriente e formaram um amplo território no qual pessoas de diferentes povos podiam se comunicar no mesmo idioma. Hendriksen chama a atenção para o alcance desse fato: a expansão macedônica preparou um mundo de língua grega que favoreceu, séculos depois, a circulação do Evangelho. A carta que lemos foi escrita nessa língua comum, compreendida em grande parte do mundo mediterrâneo.

O domínio romano sobre a Macedônia também se estabeleceu em etapas. Roma derrotou o exército macedônico em Pidna, em 168 a.C., e, cerca de duas décadas depois, a Macedônia tornou-se província romana. Naquele tempo, com as minas de ouro praticamente esgotadas, Filipos havia se reduzido a um povoado pequeno. A mudança determinante veio em 42 a.C., quando as planícies vizinhas foram palco do confronto entre Bruto e Cássio, participantes do assassinato de Júlio César e defensores da antiga ordem republicana, e Marco Antônio e Otávio, que integravam o Segundo Triunvirato ao lado de Lépido. **Antônio e Otávio venceram depois de dois combates. Seus exércitos ainda não eram imperiais, como diz a lição, pois o Império começaria somente em 27 a.C., conforme a divisão histórica apresentada pela própria revista.**

Depois da vitória, veteranos das forças vencedoras foram assentados em Filipos, e a cidade recebeu o status de colônia romana. Onze anos mais tarde, em 31 a.C., Otávio derrotou Antônio na batalha de Ácio e ficou sem rivais no comando de Roma. Precisando de terras na Itália para recompensar seus soldados, ele confiscou propriedades de italianos que haviam apoiado o inimigo derrotado e os transferiu para Filipos, onde se juntaram aos veteranos latinos que já viviam ali. Em 27 a.C., ao receber do Senado o título de Augusto, deu à colônia o nome definitivo de Colonia Augusta Iulia Philippensis, que unia o nome do novo senhor de Roma ao da família de Júlio César. A cidade que Paulo encontraria cerca de oitenta anos depois era, por isso, semelhante a uma pequena Roma em território grego. Veteranos, descendentes de colonos italianos, macedônios e outros moradores viviam sob instituições moldadas pelas de Roma.

O estatuto de colônia trouxe consequências jurídicas e sociais importantes. Filipos recebeu o *ius Italicum*, ou direito itálico, segundo o qual seu território era tratado juridicamente como solo italiano. Na prática, a cidade possuía governo próprio e desfrutava de isenção de certos tributos cobrados sobre pessoas e terras. A ligação direta com Roma também alimentava o orgulho cívico, sobretudo entre os cidadãos romanos e os descendentes dos colonos italianos. Esse sentimento ajuda a compreender o apelo à identidade romana usado contra Paulo e Silas em Atos 16.20,21, assunto que será desenvolvido no próximo subponto.

Portanto, uma ordem plausível para os eventos descritos pode ser apresentada conforme a tabela a seguir:

Data	Acontecimento
c. 360 a.C.	Colonos de Tasos fundam Crênides
356 a.C.	Filipe II toma a cidade e lhe dá o nome de Filipos
168 a.C.	Derrota macedônica em Pidna
42 a.C.	Batalha de Filipos e assentamento de veteranos
31 a.C.	Batalha de Ácio
27 a.C.	Colonia Augusta Iulia Philippensis
c. 49 a 51 d.C.	Paulo prega em Filipos (At 16)
c. 61 a 62 d.C.	Redação da Epístola aos Filipenses

1.3 Filipos: uma colônia romana.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *A circunstância de ser colônia romana concedia dignidade cívica aos filipenses, visto que, com isso, a lei romana passava a ser aplicada às relações sociais, impactando os negócios locais e a segurança dos cidadãos, sendo também fator de prosperidade na medida em que, por vezes, havia isenção ou diminuição da pesada carga tributária, trazendo benefícios econômicos. A aplicação do direito romano entre os cidadãos de Filipos justificava a presença de oficiais romanos na cidade (At 16.22). Inequivocamente, esse status político fazia com que os filipenses possuísem determinado grau de arrogância, conforme se vê claramente do episódio de Atos 16.19-24, quando eles incitaram toda a cidade contra os missionários cristãos com uma acusação falsa, que trouxe consequências danosas, escudados principalmente na informação de que Paulo e seus companheiros, que eram judeus (sem cidadania romana), os estavam perturbando, o que aumentava ainda mais o preconceito e a rejeição.*

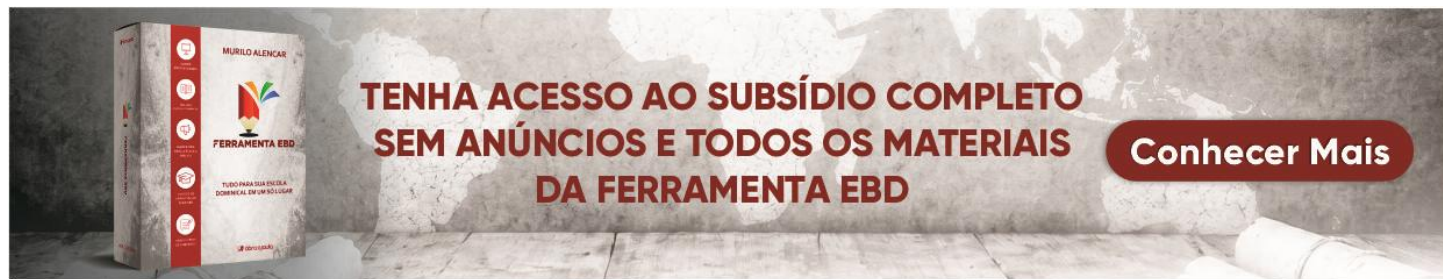
Como acabamos de ler, os primeiros leitores da carta aos Filipenses viviam numa colônia que se orgulhava da própria ligação com Roma, e Paulo escreveu usando um vocabulário que lhes era familiar. **A cidadania romana garantia àqueles moradores direitos que a maior parte dos habitantes do Império não possuía, e com ela vinha a obrigação de se comportar de modo condizente com a dignidade de Roma.** É esse mundo que o apóstolo tem em vista quando pede aos irmãos que vivam como cidadãos dignos do Evangelho (Fp 1.27) e quando lhes recorda que a cidadania deles está nos céus (Fp 3.20). Cristãos que conheciam o preço e o privilégio de pertencer a Roma aprenderiam que pertenciam, antes disso, a outro reino, e que esse pertencimento também exigia uma conduta correspondente.

A condição colonial de Filipos determinava a forma de administração da cidade. Os magistrados mencionados em Atos 16 eram os responsáveis pelo governo municipal, enquanto os “quadrilheiros” de Atos 16.35 e 38 eram lictores, agentes encarregados de transmitir e executar suas ordens. **Portanto, é mais preciso falar em autoridades locais organizadas segundo o modelo romano do que em funcionários enviados diretamente da capital.**

Há uma afirmação na revista que precisa ser tratada com maior precisão, a declaração de que os missionários eram judeus “sem cidadania romana”, pois ela está errada em relação aos dois homens que foram presos. Paulo e Silas eram judeus e cidadãos romanos, como o plural de Atos 16.37,38 deixa claro, **“Açoitaram-nos publicamente, e, sem sermos condenados, sendo homens romanos, nos lançaram na prisão”** (At 16.37).

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 1):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



2. SEGUNDA VIAGEM MISSIONÁRIA

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

2.1 Idas e vindas.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *O apóstolo Paulo, com Silas (At 15.40) e Lucas (At 16.10), passou pela Síria e Cilícia, Derbe e Listra, onde Timóteo se juntou à equipe missionária (At 15.41; 16.1). Depois de passarem pela Frigia e Galácia, Deus bloqueou o caminho deles para a Ásia e Bitínia (At 16.6,7) e, ainda sem conhecerem a vontade de Deus acerca do itinerário da Segunda Viagem Missionária, Paulo recebeu, em Trôade, uma revelação celestial, encaminhando-os à Macedônia para pregar o Evangelho (At 16.8-10).*

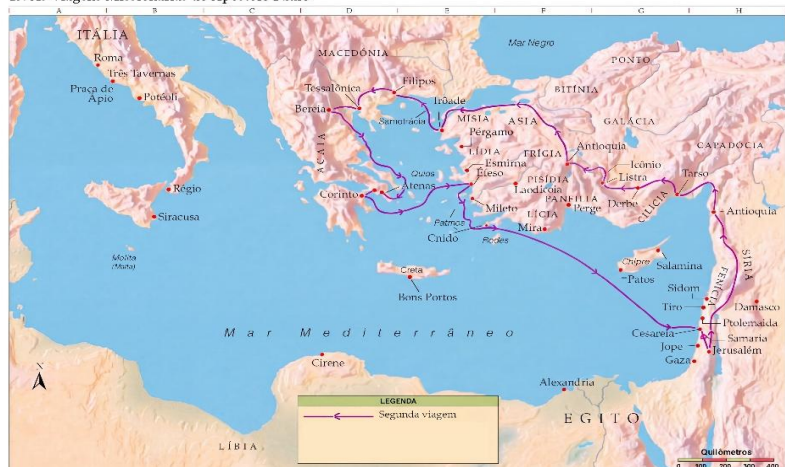
Vamos ao texto bíblico:

³⁶Alguns dias depois, Paulo disse a Barnabé: — Vamos voltar e visitar os irmãos em todas as cidades nas quais anunciamos a palavra do Senhor, para ver como estão. ³⁷Barnabé queria levar também João, chamado Marcos. ³⁸Mas Paulo não achava justo levar aquele que tinha se afastado deles desde a Panfília, não os acompanhando no trabalho. ³⁹Houve tal desavença entre eles, que vieram a separar-se. Então Barnabé, levando consigo Marcos, navegou para Chipre. ⁴⁰Mas Paulo, tendo escolhido Silas, partiu, encomendado pelos irmãos à graça do Senhor. ⁴¹E passou pela Síria e Cilícia, fortalecendo as igrejas (At 15.36-41, NAA).

A segunda viagem missionária, como explica o texto bíblico, com a visão do homem macedônio registrada em Atos 16, mas com o propósito de Paulo de visitar novamente as igrejas estabelecidas durante a primeira viagem. Ele disse a Barnabé que deveriam voltar e visitar os irmãos em todas as cidades onde haviam anunciado a Palavra do Senhor, para saber como estavam. Sua intenção, a princípio, era mais pastoral do que evangelística. **Paulo queria acompanhar os novos convertidos, conhecer a situação das igrejas e fortalecê-las na fé. A obra missionária não se limita a alcançar novos lugares, ela também inclui o cuidado com aqueles que já receberam o Evangelho.**

Antes da partida, surgiu uma séria divergência a respeito de João Marcos. Barnabé desejava levá-lo novamente, enquanto Paulo não considerava prudente confiar-lhe a mesma responsabilidade, pois ele havia abandonado a equipe na viagem anterior. A discussão tornou-se tão intensa que os dois se separaram. **Barnabé partiu com Marcos para Chipre, e Paulo escolheu Silas para seguir pela Síria e pela Cilícia.**

13. As Viagens Missionárias do Apóstolo Paulo



O texto não afirma que o Espírito Santo provocou essa separação, nem apresenta o conflito como modelo de relacionamento entre obreiros. Por isso, não devemos transformar uma divergência dolorosa em uma estratégia missionária determinada por Deus. Lucas registra a fragilidade de homens piedosos, cujas avaliações diferentes produziram uma ruptura. Ainda assim, a fraqueza humana não interrompeu a obra missionária. Deus continuou usando Barnabé, Paulo e, mais tarde, o próprio Marcos, que voltou a ser reconhecido por Paulo como cooperador útil para o ministério.

Não há consenso entre os estudiosos se Paulo ou Barnabé estava com a razão em dar uma nova chance ao jovem João Marcos. O ponto é que Paulo olhava para uma pessoa e perguntava: O que ela poderia fazer para o reino de Deus? Barnabé olhava para a mesma pessoa e perguntava: O que o reino de Deus poderia fazer por ela?³

Depois da separação entre Paulo e Barnabé, novas equipes missionárias foram formadas. **Paulo escolheu Silas, homem respeitado na igreja de Jerusalém, profeta e integrante da delegação encarregada de levar às igrejas gentílicas as decisões do Concílio (At 15.22,27,32). Sua presença fortalecia a ligação entre Jerusalém e Antioquia e conferia credibilidade à comunicação das decisões tomadas pelos apóstolos e presbíteros.** Mais tarde, Silas também compartilharia com Paulo os sofrimentos ligados ao trabalho missionário em Filipos.

Ao chegarem a Listra, Timóteo foi incorporado à equipe. Ele era filho de mãe judia crente e pai grego, possuía bom testemunho entre os irmãos de Listra e Icono e demonstrava condições espirituais para acompanhar Paulo (At 16.1-3). **A nova equipe reunia, assim, homens de experiências distintas. Paulo era o missionário experiente, Silas representava a liderança de Jerusalém, e Timóteo começava a ser preparado para o**

Enquanto percorriam as cidades, os missionários comunicavam as decisões tomadas pelos apóstolos e presbíteros em Jerusalém. Lucas conclui essa etapa declarando que **“as igrejas eram fortalecidas na fé e, dia a dia, aumentavam em número” (At 16.5).**

Depois de fortalecerem as igrejas, Paulo e seus companheiros avançaram pela região frígio-gálata. Tudo indica que pretendiam entrar na província romana da Ásia, região situada no oeste da Ásia Menor, cuja cidade mais importante era Éfeso. **A palavra “Ásia” em Atos 16.6 não designa o continente asiático, mas uma província romana que abrangia parte do território da atual Turquia.**

³ Lopes, Hernandes Dias. 2012. Atos: A Ação do Espírito Santo na Vida da Igreja. Organizado por Juan Carlos Martinez. 1ª edição. Comentários Expositivos Hagnos. São Paulo: Hagnos.

Eles desejavam “falar a palavra” numa região populosa e estratégica. Mesmo assim, Lucas afirma que foram “impedidos pelo Espírito Santo” (At 16.6). O verbo grego *kōlyō*, empregado no particípio *kōlythēntes*, comunica a ideia de impedir, proibir ou deter. A construção atribui claramente a proibição ao Espírito Santo. Logo, aprendemos que uma intenção pode ser correta e ainda assim não corresponder ao momento determinado por Deus. O Espírito não estava proibindo definitivamente a evangelização daquela província. Mais tarde, Paulo permaneceria por um longo período em Éfeso, e Lucas registraria que os habitantes da Ásia ouviram a Palavra do Senhor (At 19.10). A porta fechada em Atos 16 era temporária. Deus não estava rejeitando aquele campo, mas estabelecendo uma prioridade para aquela etapa do trabalho missionário.

Depois de serem impedidos de entrar na Ásia, os missionários seguiram em direção à Mísia e tentaram entrar na Bitúnia, ao norte. Novamente, a iniciativa parece coerente. A Bitúnia era uma região populosa, voltada para o mar Negro e aberta a importantes rotas de comunicação. Entretanto, “o Espírito de Jesus não o permitiu” (At 16.7).

Lucas não apresenta o Espírito Santo do versículo 6 e o Espírito de Jesus do versículo 7 como dois agentes diferentes. A expressão “Espírito de Jesus” identifica o Espírito Santo em sua relação com o Senhor ressurreto. Jesus, exaltado à direita de Deus, continua governando sua Igreja e dirigindo a missão por meio do Espírito.

Depois de duas tentativas frustradas, Paulo e seus companheiros chegaram a Trôade. Os missionários sabiam onde não deveriam permanecer, mas ainda não conheciam o lugar para onde seriam enviados. Mesmo assim, continuaram avançando até Trôade.

Em Trôade, Paulo teve durante a noite uma visão. Um homem da Macedônia permanecia em pé e lhe suplicava: **“Passe à Macedônia e ajude-nos”** (At 16.9). A visão apresentou a direção que faltava. Os missionários deveriam atravessar o mar Egeu e anunciar o Evangelho na Macedônia.

O pedido “ajude-nos” recebe sua explicação no versículo seguinte. A ajuda de que os macedônios necessitavam era a proclamação do Evangelho. Paulo e seus companheiros não foram chamados para levar uma filosofia superior, promover os valores de outra cultura ou impor costumes orientais. Deus os chamou para anunciar a boa notícia de Jesus Cristo.

Depois de narrar a visão, Lucas emprega pela primeira vez o pronome “nós”: “Assim que Paulo teve a visão, imediatamente procuramos partir para a Macedônia, concluindo que Deus nos havia chamado para lhes anunciar o evangelho” (At 16.10). Essa mudança costuma marcar o início da primeira seção em que o autor se inclui diretamente na narrativa.

O verbo traduzido como “concluindo” é *syμβιβάζω*. Nesse contexto, descreve o ato de reunir os elementos disponíveis e chegar a uma conclusão. A visão foi recebida por Paulo, mas a equipe examinou seu significado e reconheceu coletivamente a direção divina. **Paulo não usou sua experiência para impor arbitrariamente uma decisão. A equipe compreendeu que Deus havia chamado “a nós” para evangelizar “a eles”. A orientação recebida por um integrante foi avaliada por todos.** Portanto, devemos tomar muito cuidado com decisões unilaterais tomadas por certos líderes que afirmam ter ouvido a voz de Deus.

2.2 Um início tímido, com perseguição.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Não existia perseguição dos religiosos judeus em Filipos. Por outro lado, naquele lugar o imperador era ostensivamente adorado e, de acordo com achados arqueológicos, existia um perímetro na cidade no qual nenhuma outra “divindade” poderia receber adoração, possível razão pela qual algumas mulheres, dentre as quais Lídia, estavam buscando a Deus às margens de um rio, fora da cidade, lugar para onde os missionários afluíram para orar e, também, pregar o Evangelho (At 16.13-15). Tudo ia bem até que Paulo expulsou o espírito maligno de uma jovem que dava lucro aos seus donos por meio de adivinhação. Revoltados por perderem essa fonte de renda, eles acusaram falsamente os missionários e incitaram a população contra eles. Isso resultou em humilhação pública, açoites e prisão (At 16.18-24).*

Em Filipos, o primeiro encontro evangelístico narrado por Lucas ocorreu fora da cidade, diante de um pequeno grupo de mulheres reunidas junto a um rio. O texto bíblico, em nenhum momento, afirma que a cidade não possuía sinagoga. Todavia, essa conclusão é provável porque, ao contrário do que ocorre em outras cidades, Lucas menciona apenas um “lugar de oração”, expressão que pode indicar tanto a reunião quanto um espaço reservado para essa finalidade. Além disso, o texto bíblico não informa que aquelas mulheres estivessem ali por causa de alguma proibição relacionada ao culto imperial. O mais prudente é dizer que aquele pequeno grupo, ligado à fé judaica, costumava reunir-se à margem do rio para orar.

A direção sobrenatural recebida pelos missionários em Trôade não os levou a um grande público, mas a algumas mulheres reunidas à beira de um rio. Paulo não considerou aquele grupo pequeno demais para receber sua atenção. Sentou-se entre elas e anunciou a Palavra. **O professor da EBD igualmente não deve medir a importância de sua aula pela quantidade de alunos presentes. Uma classe pequena merece o mesmo preparo e a mesma entrega do professor de uma classe grande.**

Entre as ouvintes estava Lídia, natural de Tiatira, vendedora de púrpura e temente a Deus. Sua atividade poderia envolver tecidos, roupas ou outros produtos tingidos dessa cor. A possibilidade de hospedar os missionários indica que ela possuía casa e recursos para recebê-los, mas o relato não permite concluir que fosse extremamente rica.

A expressão “temente a Deus” era empregada para gentios que haviam se aproximado da fé de Israel e participavam de suas reuniões, embora não fossem necessariamente prosélitos plenamente incorporados ao judaísmo. Enquanto Paulo falava, **“o Senhor lhe abriu o coração para que estivesse atenta ao que Paulo dizia”** (v. 14). A ação divina não é separada da pregação. O Senhor abriu o coração de Lídia enquanto Paulo anunciava a mensagem. Depois de receber a Palavra, ela foi batizada com os de sua casa e hospedou os missionários. Mais adiante, Paulo e Silas voltaram à residência dela e encontraram ali os irmãos (At 16.40), o que indica que sua casa se tornou um ponto de encontro da igreja recém-formada.

O relato bíblico apresenta uma bela progressão. O Senhor abriu o coração de Lídia, e ela abriu sua casa para receber os servos de Deus. Sua hospitalidade foi uma consequência de sua conversão. Antes do terremoto, da abertura da prisão e da conversão do carcereiro, Deus já havia agido em Filipos ao conduzir aquela mulher à fé em Cristo.

O relato prossegue:

¹⁶ Aconteceu que, indo nós para o lugar de oração, veio ao nosso encontro uma jovem possuída de espírito adivinhador, a qual, adivinhando, dava grande lucro aos seus donos. ¹⁷ Seguindo a Paulo e a nós, gritava, dizendo: “Estes homens são servos do Deus Altíssimo e anunciam a vocês o caminho da salvação”. ¹⁸ Isto se repetiu por muitos dias. Então Paulo, já indignado, voltando-se, disse ao espírito: “Em nome de Jesus Cristo, eu ordeno que você saia dela”. E, na mesma hora, o espírito saiu. ¹⁹ Quando os donos da jovem viram

que se havia desfeito a esperança do lucro, agarraram Paulo e Silas e os arrastaram para a praça, à presença das autoridades (At 16.16-19, NAA).

O segundo episódio ocorre novamente no caminho para o lugar de oração. Os missionários encontram uma jovem escravizada que possuía um espírito de adivinhação. A expressão grega pode ser traduzida literalmente como “**espírito de píton**” e estava associada ao oráculo de Delfos e ao deus Apolo, a quem os pagãos atribuíam a capacidade de revelar acontecimentos futuros.

Aquela jovem vivia sob duas formas de escravidão. Estava sob o domínio de um espírito maligno e pertencia a homens que transformavam sua opressão maligna em fonte de renda. Enquanto suas adivinhações continuassem produzindo dinheiro, o sofrimento dela pouco importava aos seus proprietários.

Embora as palavras gritadas pela jovem parecessem corretas, procediam de uma fonte demoníaca e poderiam ser compreendidas de maneira diferente pelos moradores de Filipos. Em um ambiente politeísta, a expressão “**Deus Altíssimo**” poderia ser entendida como referência a uma divindade superior entre muitos deuses. Paulo, portanto, não permitiu que a mensagem acerca de Jesus fosse associada à adivinhação nem aceitou o testemunho de um espírito que mantinha aquela jovem escravizada.

Depois de muitos dias, Paulo ordenou que o espírito saísse em nome de Jesus Cristo. Não houve diálogo com o demônio nem qualquer tentativa de transformar a libertação em espetáculo. A ordem foi breve, dirigida ao espírito e pronunciada sob a autoridade de Jesus.

Lucas emprega o mesmo verbo para dizer que o espírito “saiu” da jovem e que a esperança de lucro dos proprietários havia igualmente “saído”. A libertação dela representou prejuízo para homens que lucravam com sua opressão. Em vez de se alegrarem porque aquela mulher havia sido liberta, agarraram Paulo e Silas e os levaram às autoridades. Os proprietários esconderam o prejuízo financeiro sob uma acusação de perturbação da ordem pública. Enquanto seus ganhos não eram ameaçados, não reagiram contra os missionários. A oposição tornou-se violenta quando a libertação daquela jovem atingiu diretamente sua fonte de renda.

Ainda hoje, o sofrimento, a sensualidade, a superstição, os vícios e a exposição humilhante de outras pessoas podem ser transformados em fontes de renda. Nenhum ganho justifica explorar a fragilidade ou contribuir para a destruição do próximo.

2.3 Um grande terremoto.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Os missionários estavam exultantes em Deus. Mesmo humilhados, presos e açoitados, por volta da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam louvores a Deus dentro da prisão, quando o Senhor trouxe um grande terremoto que abalou as estruturas do cárcere e foram abertas as portas, soltando as correntes de todos os presos (At 16.25,26). Enquanto o sistema daquele tempo era movido por interesses e ganância, Deus confirmou a sua obra com poder e, por isso, fez tremer as estruturas da prisão (e possivelmente de prédios da cidade) sob a influência da verdadeira adoração.*

Depois de cederem à pressão da multidão, os magistrados mandaram arrancar as roupas de Paulo e Silas e ordenaram que fossem açoitados. O verbo grego *rhabdízō* designa o ato de golpear com varas ou bastões. O versículo 23 não descreve um segundo açoitamento, mas completa a informação do versículo anterior ao dizer que

os missionários receberam muitos golpes. Embora Lucas não informe a quantidade, os ferimentos foram suficientemente graves para que o carcereiro precisasse lavá-los mais tarde (At 16.33). Ao escrever aos coríntios, Paulo recordaria que havia sido açoitado com varas em três ocasiões, e o episódio de Filipos provavelmente foi uma delas (2Co 11.25).

Após os açoites, Paulo e Silas foram lançados na prisão. Como o carcereiro recebera ordem de guardá-los com toda a segurança, colocou-os no cárcere interior, a parte mais protegida e afastada das saídas. Os pés de Paulo e Silas foram presos ao tronco, um instrumento de madeira semelhante a um cepo que limitava os movimentos. Depois dos muitos golpes, permanecer naquela posição aumentava a dor. Paulo e Silas haviam sido falsamente acusados, despidos diante da multidão, açoitados, lançados na parte mais segura da prisão e imobilizados.

Por volta da meia-noite, os dois ainda estavam acordados. Lucas não registra murmurações contra Deus, acusações contra os irmãos ou ameaças contra os agressores. A atitude dos missionários mostra que a dor não destruiu sua confiança no Senhor. Mesmo feridos e presos ao tronco, continuavam reconhecendo que Deus era digno de receber suas orações e seus cânticos.

Enquanto Paulo e Silas oravam e cantavam, os demais prisioneiros os escutavam. A prisão destinada a silenciar os missionários tornou-se outro lugar de testemunho do Evangelho. Seus ouvintes eram homens encarcerados, que agora observavam a reação de dois servos de Deus tratados injustamente. Antes que as portas fossem abertas, a fé dos missionários já estava sendo ouvida dentro do cárcere. Paulo e Silas não cantaram para provocar um terremoto. A oração e os cânticos expressavam confiança em Deus no meio da dor.

Enquanto eles oravam e cantavam, um grande terremoto sacudiu os fundamentos da prisão, abriu as portas e soltou as correntes dos presos. Em Filipos, Deus não enviou um anjo, como havia feito na libertação dos apóstolos e de Pedro (At 5.19; 12.7), mas empregou um terremoto. Embora a Macedônia estivesse sujeita a abalos sísmicos, o momento em que o terremoto ocorreu e seus efeitos mostram que Lucas o apresenta como uma intervenção divina.

Nas libertações narradas anteriormente em Atos, os prisioneiros saíram da prisão. Em Filipos, porém, Paulo e Silas permaneceram. O principal resultado do terremoto, no desenvolvimento da narrativa, não foi a fuga dos missionários, mas a salvação do carcereiro e dos que estavam em sua casa.

Ao despertar e ver as portas abertas, o carcereiro concluiu que os presos haviam fugido. Como era responsável pela custódia deles, poderia sofrer uma punição severa e até perder a vida. Atos 12.19 registra que Herodes mandou executar os guardas depois da libertação de Pedro, embora Lucas não informe qual pena seria aplicada ao carcereiro de Filipos. Convencido de que havia fracassado em sua responsabilidade, ele desembainhou a espada para tirar a própria vida.

Paulo gritou: “Não faça nenhum mal a si mesmo! Estamos todos aqui” (At 16.28). O primeiro benefício recebido pelo carcereiro naquela noite foi a preservação de sua vida. O homem responsável por manter Paulo preso foi impedido de morrer pelo próprio prisioneiro. Embora as portas estivessem abertas, Paulo não pensou somente em sua liberdade. Sair da prisão naquele momento colocaria outra pessoa em risco.

Lucas não explica por que nenhum dos presos fugiu. O terremoto pode tê-los deixado assustados, a escuridão pode ter dificultado qualquer reação e a atitude de Paulo e Silas pode ter influenciado os demais. Nenhuma dessas possibilidades, porém, deve ser apresentada como fato. O que o relato permite afirmar é que, pela providência de Deus, todos permaneceram ali e a vida do carcereiro foi preservada.

Depois de pedir luz, o carcereiro entrou tremendo, prostrou-se diante de Paulo e Silas e perguntou: “Senhores, que devo fazer para que seja salvo?” (At 16.30). Talvez ele já tivesse ouvido alguma informação sobre

os missionários, especialmente porque haviam sido acusados publicamente e a jovem possuía os apresentava como homens que anunciavam o caminho da salvação.

Paulo respondeu: “Creia no Senhor Jesus e você será salvo, você e os de sua casa” (At 16.31). O carcereiro não precisava cumprir penitências, pagar pelos pecados ou conquistar o favor de Deus por meio de boas obras. Precisava confiar no Senhor Jesus, aquele que poderia salvá-lo.

A expressão “você e os de sua casa” não significa que a fé do carcereiro salvaria automaticamente os seus familiares. O versículo seguinte esclarece que Paulo e Silas anunciaram a Palavra do Senhor a ele “e a todos os de sua casa” (At 16.32). A promessa alcançava toda a família, mas a mensagem também foi dirigida a todos. Ninguém seria salvo pela fé do chefe da casa.

A mudança no comportamento do carcereiro foi imediata. Naquela mesma hora, ele lavou os ferimentos de Paulo e Silas, foi batizado com os de sua casa, recebeu os missionários e lhes serviu uma refeição. O homem que antes os mantinha presos passou a cuidar de suas feridas e a acolhê-los em seu lar. Sua fé produziu uma nova maneira de tratar aqueles que estavam sob sua autoridade.

Lucas encerra o episódio dizendo que o carcereiro se alegrou com toda a sua casa por haver crido em Deus (At 16.34). Lídia encontrou os missionários em um lugar de oração; o carcereiro os encontrou dentro da prisão. Deus usou circunstâncias diferentes para alcançar pessoas diferentes com o mesmo Evangelho.

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 2):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



3. FILIPENSES: CHAMADO À ALEGRIA

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Seja assinante e desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

3.1 Paulo e Timóteo.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *A carta começa apresentando Paulo e Timóteo como servos de Jesus Cristo, sem dar destaque à sua autoridade apostólica, o que revela uma postura de humildade por parte do apóstolo. Paulo também se refere a Jesus Cristo como Senhor, reconhecendo tanto sua realidade histórica quanto sua autoridade divina. Ele dirige a carta a todos os santos em Cristo Jesus, mostrando que os crentes em Filipos faziam parte da Igreja, o Corpo de Cristo.*

O texto bíblico diz:

¹**Paulo e Timóteo**, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus, inclusive bispos e diáconos que vivem em Filipos. ²Que a graça e a paz de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo estejam com vocês (Fp 1.1-2, NAA).

Nos dois primeiros versículos, Paulo segue a forma habitual das cartas daquele período, mas amplia cada parte. Primeiro, apresenta os **remetentes**: “Paulo e Timóteo”, aos quais chama de “servos de Cristo Jesus”. Depois, identifica os **destinatários**: “todos os santos em Cristo Jesus”, incluindo os bispos e diáconos que viviam em Filipos. Por fim, em lugar de uma **saudação** comum, deseja-lhes “graça e paz” e declara que ambas procedem “de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo”. Desse modo, a abertura não traz apenas nomes e cumprimentos. Ela declara que os remetentes pertencem a Cristo, que os destinatários são santos nele e que as bênçãos desejadas têm sua fonte no Pai e no Filho.

Embora Timóteo seja mencionado ao lado de Paulo, isso não significa que os dois escreveram a carta, isto é, que houve uma coautoria de Timóteo. A partir do versículo 3, Paulo passa a falar na primeira pessoa do singular: **“Dou graças ao meu Deus”**. Mais adiante, ele se refere a Timóteo na terceira pessoa e comunica sua intenção de enviá-lo a Filipos (Fp 2.19-23). Paulo, portanto, é o autor da carta, enquanto Timóteo é apresentado como seu cooperador. Seu nome não era desconhecido dos filipenses, pois ele havia participado da equipe missionária que chegou à Macedônia e continuava ao lado do apóstolo durante sua prisão.

Ao escrever outras cartas, Paulo apresentou-se como apóstolo porque sua autoridade estava sendo contestada ou porque precisava tratar de problemas que exigiam uma palavra mais firme. Na saudação aos filipenses, esse título não foi necessário. A igreja conhecia seu ministério, mantinha uma relação de confiança com ele e havia cooperado com seu trabalho desde o início.

Em lugar de “apóstolo”, Paulo chamou a si mesmo e a Timóteo de **“servos de Cristo Jesus”**. A palavra grega *doulos* podia designar alguém que pertencia a um senhor e estava sujeito à sua vontade. Ao empregá-la, Paulo declara que sua vida, sua autoridade e seu trabalho pertenciam a Cristo. **Em uma colônia romana, na qual títulos, cidadania e posição social eram muito valorizados, ele escolheu identificar-se pela pessoa a quem servia. Sua honra não estava primeiramente no apostolado, mas em pertencer a Jesus e obedecer às suas ordens.**

Os destinatários são identificados como **“todos os santos em Cristo Jesus”**. No Novo Testamento, a palavra “santos” não se limita a crentes extraordinários nem descreve pessoas que já atingiram a perfeição moral. Todos os membros da igreja de Filipos receberam essa designação porque haviam sido separados por Deus e pertenciam a Cristo. A expressão **“em Cristo Jesus”** mostra a razão dessa condição. Eles não eram santos por causa de realizações pessoais, mas por causa de sua união com Cristo. Ao escrever “todos”, Paulo inclui a igreja inteira e não reserva esse nome a uma classe superior de crentes.

Entre os santos de Filipos estavam os “bispos e diáconos”. A palavra traduzida como “bispos” designava os supervisores responsáveis pelo cuidado da igreja, enquanto os diáconos exerciam funções de serviço. A menção aos supervisores no plural mostra que havia mais de um deles naquela igreja local. Não se deve transferir para o primeiro século toda a organização eclesiástica desenvolvida posteriormente, nem tentar definir suas responsabilidades apenas com base nessa saudação.

Depois de identificar remetentes e destinatários, Paulo escreve: “Que a graça e a paz [...] estejam com vocês”. As cartas gregas geralmente começavam com o termo *chairein*, que significava “saudações”. Paulo emprega uma palavra relacionada, *charis*, “graça”, e acrescenta “paz”, termo que recordava a saudação judaica *shalom*. É comum dizer que ele simplesmente reuniu uma saudação gentílica e outra judaica para ensinar a união da Igreja. Outra possibilidade é a de que Paulo transformou um cumprimento habitual numa bênção que expressa

aquilo que Deus concede ao seu povo. A graça é o favor que Deus concede a quem não pode merecê-lo, enquanto a paz descreve a reconciliação e o bem que procedem dessa nova relação com ele

Paulo declara que a graça e a paz procedem “de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo”. As pessoas são distintas, mas ambas são mencionadas como a origem da graça e da paz concedidas à igreja. Ao colocar Jesus ao lado do Pai dessa maneira, Paulo lhe atribui uma honra que não poderia ser dada a um simples mensageiro humano, Jesus é Deus!

3.2 Desde o primeiro dia.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Em seguida, Paulo destila por nove versículos toda a ternura paternal que nutre pelos filipenses, os quais, desde o primeiro dia (Fp 1.5), cooperam com seu ministério, o que faz toda a diferença. Na verdade, a perseverança em relacionamentos de cunho espiritual possui grande recompensa, e Paulo faz questão de dimensionar isso.*

Vamos ao texto bíblico:

³Dou graças ao meu Deus por tudo o que lembro de vocês, ⁴fazendo sempre, com alegria, súplicas por todos vocês, em todas as minhas orações. ⁵Dou graças pela maneira como vocês têm participado na proclamação do evangelho, desde o primeiro dia até agora. ⁶Estou certo de que aquele que começou boa obra em vocês há de completá-la até o Dia de Cristo Jesus. ⁷Aliás, é justo que eu assim pense de todos vocês, porque os trago no coração, seja nas minhas algemas, seja na defesa e confirmação do evangelho, pois todos vocês são participantes da graça comigo (Fp 1.3-7, NAA).

Nos versículos 3 a 5, o raciocínio de Paulo se desenvolve numa sequência fácil de acompanhar. Quando se lembrava dos filipenses, ele dava graças a Deus e orava por todos eles com alegria. Em seguida, ele apresenta a razão dessa gratidão: **“a cooperação que vocês têm dado ao evangelho, desde o primeiro dia até agora”**. A lembrança daqueles irmãos não despertava alegria apenas porque haviam tratado Paulo com carinho. Eles haviam assumido com ele uma responsabilidade comum pela divulgação do Evangelho.

A palavra traduzida como “cooperação” é *koinonia*, que pode indicar comunhão, participação ou compartilhamento. O restante da frase esclarece de que participação Paulo está falando: era uma cooperação **“no evangelho”**. Os filipenses não se limitaram a receber a mensagem e admirar o trabalho do apóstolo. Eles passaram a contribuir para que a mesma mensagem do evangelho alcançasse outras pessoas. A comunhão mencionada no versículo 5 não descreve somente proximidade afetiva, mas envolvimento ativo na obra missionária.

A expressão **“desde o primeiro dia”** conduz o leitor ao início da igreja em Filipos. Depois de crer, Lídia abriu sua casa para hospedar os missionários, e o carcereiro cuidou das feridas de Paulo e Silas e lhes ofereceu alimento (At 16.15,33,34). A cooperação dos filipenses prosseguiu depois da partida do apóstolo. Quando Paulo pregava em Tessalônica, eles lhe enviaram ajuda mais de uma vez (Fp 4.15,16). Anos depois, souberam de sua prisão e enviaram Epafrodito para levar uma nova oferta e auxiliá-lo em nome da igreja (Fp 2.25; 4.18).

A frase **“até agora”** não significa necessariamente que os filipenses enviaram recursos sem qualquer intervalo durante todos aqueles anos. Mais adiante, Paulo reconhece que eles haviam renovado o cuidado por ele e esclarece que, durante certo tempo, faltara-lhes oportunidade de demonstrá-lo (Fp 4.10). A preocupação não havia desaparecido. Quando surgiu uma nova oportunidade, a igreja voltou a agir. Sua perseverança não consistiu numa sequência ininterrupta de ofertas, mas numa disposição duradoura de cooperar com o ministério de Paulo conforme as necessidades e as possibilidades.

Depois de mencionar a perseverança dos filipenses, Paulo declara: **“Aquele que começou boa obra em vocês há de completá-la até o Dia de Cristo Jesus”** (v. 6). Alguns intérpretes entendem a “boa obra” de maneira específica, como a participação dos filipenses na missão descrita no versículo anterior. Outros consideram que Paulo se refere à obra salvadora de Deus em toda a sua amplitude. As duas explicações não precisam ser separadas. Deus havia iniciado sua obra naqueles irmãos, e um dos frutos visíveis dessa ação era o compromisso deles com o Evangelho.

A confiança de Paulo estava primeiramente naquele que iniciou a obra. O verbo **“completar”** mostra que Deus não abandona aquilo que começa, enquanto a expressão **“até o Dia de Cristo Jesus”** aponta para a volta do Senhor, quando sua obra no seu povo alcançará o cumprimento pleno.

No versículo 7, Paulo mostra como a cooperação dos filipenses havia sido provada: eles permaneceram participantes da graça com ele **“nas algemas”** e **“na defesa e confirmação do evangelho”**. A prisão poderia ter feito o ministério do apóstolo parecer derrotado ou comprometedor, mas a igreja não se afastou dele. Os filipenses se identificaram com um prisioneiro e continuaram contribuindo com o seu ministério, mesmo quando essa associação poderia trazer constrangimento, oposição ou sofrimento.

O carinho com que Paulo escreve não deve levar o professor a descrever Filipos como uma igreja sem problemas. Mais adiante, o apóstolo tratará da necessidade de unidade, condenará o egoísmo e a murmuração, advertirá contra falsos ensinadores e pedirá que Evódia e Síntique entrem em acordo no Senhor (Fp 2.2-4,14; 3.2; 4.2). Por essa razão, a afirmação da revista de que “em Filipos não há nenhuma repreensão” precisa ser entendida com cautela. O que distinguia aquela igreja não era a ausência de problemas, mas sua perseverança em participar da obra do Evangelho.

3.3 Saudade, amor e alegria.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *O apóstolo dos gentios dá graças a Deus todas as vezes que se lembra dos filipenses, fazendo isso com alegria (Fp 1.3,4), anuindo que tem por justo abrigar a todos eles no seu coração, porque eles sempre foram grandes amigos (Fp 1.7). Após, invoca a Deus como testemunha do grande amor e da grande saudade que sente pelos filipenses (Fp 1.8). Paulo, exaltando o amor presente na igreja em Filipos, diz que ora para que esse amor aumente cada vez mais (Fp 1.9) e, assim, os filipenses possam crescer em ciência e em todo o conhecimento, tendo acesso às coisas mais excelentes que estão escondidas em Deus (Fp 1.10). O objetivo é que eles saibam fazer boas escolhas, vivam com sinceridade e pureza, fazendo-os cheios de frutos de justiça, até o dia do retorno de Cristo (Fp 1.10,11).*

O texto bíblico diz:

⁸Pois Deus é testemunha da saudade que tenho de todos vocês, no profundo afeto de Cristo Jesus. ⁹E também faço esta oração: que o amor de vocês aumente mais e mais em conhecimento e toda a percepção, ¹⁰para que vocês aprovelem as coisas excelentes e sejam sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo, ¹¹cheios do fruto de justiça que vem por meio de Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus (Fp 1.8-11, NAA).

Ao declarar que **“Deus é testemunha”**, Paulo emprega uma forma solene de confirmar a sinceridade de suas palavras. Ninguém poderia medir a intensidade de sua saudade ou examinar o que havia em seu coração, mas Deus conhecia seus sentimentos.

A expressão **“profundo afeto de Cristo Jesus”** traduz uma palavra que, naquele tempo, indicava a parte mais íntima dos sentimentos humanos. Portanto, a expressão pode indicar tanto um afeto produzido por Cristo

quanto uma afeição semelhante à compaixão do próprio Senhor. Paulo amava aqueles irmãos com um amor que recebera de Cristo e que procurava demonstrar como Cristo.

No versículo seguinte, o afeto que o apóstolo nutria pelos irmãos se transforma em intercessão: **“E também faço esta oração”**. O pedido é que esse amor “aumente mais e mais”. A presença do amor não dispensava crescimento, e os anos de fidelidade não significavam que os filipenses já haviam alcançado tudo o que Deus esperava deles. O crescimento pedido por Paulo não consistia num aumento descontrolado de sentimentos. O amor deveria avançar **“em pleno conhecimento e toda a percepção”**. O conhecimento mencionado pelo apóstolo está ligado à verdade de Deus revelada no Evangelho. A palavra traduzida como “percepção”, usada somente aqui no Novo Testamento, indica sensibilidade moral, a capacidade de avaliar uma situação e reconhecer a atitude adequada. Desse modo, o amor precisa conhecer a verdade e compreender como aplicá-la.

O resultado desse crescimento é apresentado no versículo 10: **“para que vocês aprovelem as coisas excelentes”**. A expressão também pode transmitir a ideia de examinar aquilo que difere para reconhecer o que possui maior valor. Paulo não está falando de conhecimentos secretos ou de “coisas excelentes que estão escondidas em Deus”, como afirma a revista. Ele ora para que os filipenses sejam capazes de avaliar as opções diante deles e escolher aquilo que verdadeiramente agrada a Deus.

As escolhas feitas dessa maneira deveriam torná-los **“sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo”**. A sinceridade descreve uma conduta pura, sem mistura de intenções pecaminosas. A palavra traduzida como **“inculpáveis”** pode indicar alguém que não tropeça ou alguém que não se torna causa de tropeço para outros. As duas possibilidades combinam com o pedido de Paulo: ele deseja que os filipenses vivam de modo íntegro e não conduzam outras pessoas ao pecado. O alvo continua sendo o Dia de Cristo, quando a obra iniciada por Deus será completada e a conduta de cada pessoa será manifestada diante do Senhor.

A oração termina com os filipenses **“cheios do fruto de justiça”**. A expressão descreve uma vida marcada por atitudes que correspondem à vontade de Deus. Esse fruto não é produzido pela força moral do crente, pois Paulo acrescenta que ele vem “por meio de Jesus Cristo”. Cristo é quem torna possível a transformação pela qual Paulo ora. O fruto também não existe para promover a imagem da pessoa que o produz. Seu destino é “a glória e o louvor de Deus”.

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 3):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



TENHA EM MÃOS O MAIOR PACOTE PARA PROFESSORES DA EBD

Conhecer Mais

CONCLUSÃO

Nesta lição, acompanhamos a chegada do Evangelho a Filipos, uma colônia romana marcada pelo orgulho cívico e por sua ligação com o Império. À margem do rio, nas ruas da cidade e dentro da prisão, Deus agiu na vida de pessoas muito diferentes. Abriu o coração de Lídia, libertou uma jovem oprimida pelo diabo e conduziu o carcereiro e sua família à fé. Desde os primeiros dias, aqueles que creram acolheram os missionários e passaram a cooperar na propagação do Evangelho.

Mais de dez anos depois, Paulo escrevia da prisão a irmãos que haviam permanecido ao seu lado. Por isso, a gratidão, a saudade e a alegria presentes nas primeiras linhas da carta expressam uma relação construída pela participação no Evangelho. Portanto, louvamos a Deus pela sua bondade, graça e misericórdia. Até a próxima aula em nome de Jesus.

ABRA A JAULA

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

KÖSTENBERGER, Andreas J.; KELLUM, L. Scott; QUARLES, Charles L. **Introdução ao Novo Testamento: a manjedoura, a cruz e a coroa**. Tradução: Carlos Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2022.

FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Entendes o que lêes?** Tradução: Danilo Mendes. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2026.

BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Org.). **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. Tradução: C. E. S. Lopes, F. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. Tradução: José Gabriel Said. São Paulo: Vida Nova, 2017.

FEE, Gordon D. **Filipenses**: comentário exegetico. Tradução: Marcelo Gonçalves. São Paulo: Vida Nova, 2022.

LOPES, Hernandes Dias. **Filipenses**: a alegria triunfante no meio das provas. São Paulo: Hagnos, 2007. (Comentários Expositivos Hagnos).

SILVA, Moisés. **Philippians**. 2. ed. Grand Rapids: Baker Academic, 2005. (Baker Exegetical Commentary on the New Testament).